

A CONSTRUÇÃO DE INTENSIFICAÇÃO COM LEXEMAS DE COR NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

INTENSIFYING CONSTRUCTION WITH COLOR LEXEMES IN BRAZILIAN PORTUGUESE

Nahendi Almeida Mota¹

Marcia dos Santos Machado Vieira²

RESUMO

Este artigo expõe os resultados da pesquisa sobre a configuração formal-funcional do subesquema Xcor de SN da construção intensificadora Xcor de Y (como em *roxo/verde de raiva* ou *vermelho de vergonha*) no português brasileiro. Acreditamos que essa construção seja suscitada pelo fato de nosso corpo, mais especificamente, nosso rosto sofrer alterações de cor devido a alguma emoção ou sensação, como quando ficamos pálidos (de susto), vermelhos (de vergonha, de paixão) etc. Essa mudança na coloração facial é algo tão recorrente que, por associação com o atributo intensidade de cor, pode motivar não só construções como a estudada nesta pesquisa, mas muitas outras, levando-nos a defender que a emoção revelada por meio de cores (geralmente na face) é um fator que contribui para a elaboração simbólica presente na relação entre lexemas de cor a (sub) esquemas como os aqui descritos. Assim, sob a perspectiva da Linguística Funcional-Cognitiva, que busca analisar a língua com base em aspectos socioculturais e pragmáticos, situações comunicativas, conhecimentos internalizados e operações cognitivas, e da Gramática de Construções, para a qual a língua é uma rede de nós/pareamentos forma-função/significado, analisamos como se desencadearam tais construções e como sistemática e variavelmente se configuram, com base em Traugott e Trousdale (2013), Machado Vieira (2016) e Wiedemer e Machado Vieira (2018). Os dados analisados são do *Corpus do Português*, e o método utilizado foi a análise de frequências. Nossos resultados iniciais mostram que: essa construção intensifica, sobretudo, aspectos negativos; a alternância das cores permite a sua classificação como aloconstruções; e essa construção faz parte da rede construcional de intensificadores do português brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Cor. Construção intensificadora. Aloconstrução. Gramática de Construções.

ABSTRACT

This paper exposes the results of the research on the formal-functional configuration of the Xcolor of NS subschema of the Xcolor of Y intensifier construction (as in purple/green of anger or red of shame) in Brazilian Portuguese. We believe that this construction is caused by the fact that our body, more specifically, our face undergoes color changes due to some emotion or sensation, such as when we become pale (from fright), red (from shame, passion) etc. This change in facial coloring is something so recurrent that, by association to the intensity attribute of color, it can motivate not only constructions such as the one studied in this research, but many others, leading us to defend that the emotion revealed through colors (usually on the face) is a factor that contributes to the symbolic elaboration present in the relation of color lexemes to the (sub)schemes exposed here. Thus, from the perspective of Functional-Cognitive Linguistics, which seeks to analyze the language based on sociocultural and pragmatic aspects, communicative situations, internalized knowledge and cognitive operations, and the Grammar of Constructions, for which the language is a network of form-function/meaning nodes/pairings, we analyze how these constructions were triggered and how they are systematically and variably configured, based on Traugott and Trousdale (2013), Machado Vieira (2016) and Wiedemer and Machado Vieira (2018). The data analyzed are from the *Corpus do Português*, and our method is frequency analysis. Our initial results show that this construction intensifies, above all, negative aspects; the alternation of colors allows their classification as allostructions; and this construction is part of the construction network of Brazilian Portuguese intensifiers.

KEYWORDS: Color. Intensifying construction. Allostruction. Construction Grammar.

1 Doutoranda em Língua Portuguesa no Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Membro do grupo de pesquisa CNPq PREDICAR: Formação e expressão de predicados complexos e predicacões. E-mail: nahendi@ufrj.br

2 Doutora em Língua Portuguesa pela UFRJ, onde atua como Professora Associada IV do Departamento de Letras Vernáculas, na Graduação, Pós-Graduação e Extensão. É líder do grupo de pesquisa CNPq PREDICAR: Formação e expressão de predicados complexos e predicacões. E-mail: marcia@letras.ufrj.br

Introdução

Nosso objetivo, com este trabalho, é apresentar os resultados alcançados, até agora, com a nossa pesquisa acerca da configuração formal-funcional do subesquema Xcor de SN (como em *roxo/verde de inveja*) da construção intensificadora Xcor de Y (como em *roxo/verde de raiva*, quando Y é um SN, ou *vermelha de envergonhada*, quando Y é um Adj). Para ilustrarmos, selecionamos alguns dados do nosso *corpus*:

1. “[...] E como vocês não têm o que fazer... Ele riu, e o resto da sala também. Ai, modeusi, tenho que falar mais baixo!!! Fiquei **ROXA DE VERGONHA!** * Mas sabedora do que precisava, depois de almoçar a torta fui para a internet, e às duas da tarde já tinha tudo na mão [...]”.
2. “[...] Deixe de ser ciumenta, a bem da sua relação Já todas nós nos sentimos **VERDE DE INVEJA** ao ver o “«nosso»» homem a falar, a sorrir ou simplesmente a olhar para outra mulher, conhecida ou não [...]”.
3. “[...] Os aprendizes se voltaram conforme uma figura familiar veio caminhando ate a mesa segurando o prato. Regin sorriu e então empurrou o prato para a frente de Sonea. Ela ficou **VERMELHA DE RAIVA** quando ela viu que ele estava coberto de cascas de pão e restos de comida. Mas as “«brincadeiras»» de Regin e seus amigos irão muitíssimo mais longe [...]”.

Em (1), (2) e (3), anteriormente, há algumas peculiaridades interessantes no que diz respeito às cores (“roxa”, “verde” e “vermelha”, respectivamente): sua função não é a de adjetivar, qualificar ou especificar um objeto (como em “a boneca roxa”, “a maçã verde” e “o coração vermelho”, sentenças comuns do PB); na verdade, elas compõem uma construção, ao se ligarem sistematicamente com a preposição “de” e com um sintagma nominal e, com essa configuração morfossintática, servirem de recurso linguístico à função de intensificação (expressão/modificação de grau). Vale destacar que outras propriedades colaboram para essa representação de exemplos como os citados: (i) Xcor de SN apresenta um certo grau de *chunking*, uma vez que não é possível trocar os componentes de lugar, invertendo sua ordem, por exemplo; (ii) porém, ela não é completamente cristalizada, pois, em alguns dados, foram identificados modificadores presentes antes e depois da construção e até mesmo em seu interior, compondo o sintagma nominal; (iii) o elemento Xcor revela (certa?) opacidade de seu significado concreto de cor em prol da proeminência/transparência do sentido de intensidade; (iv) os elementos sintagmáticos que preenchem o segundo *slot* costumam ter natureza semântica abstrata; (v) o sentido de intensidade é inferido da associação entre cor e emoção/reação psicofísica.

A partir de tais observações, surgiram as seguintes perguntas:

- a. Há uma relação de similaridade entre as cores que preenchem o *slot* X na construção Xcor de SN?

- b. Se sim, quais os contextos linguísticos que acionam um ou outro uso?
- c. Que cores se combinam ao primeiro *slot* da construção e com que configuração/representação funcional?
- d. O emprego de cores diferentes implica escalaridade no sentido de intensificação ou outro efeito de sentido?
- e. Como os dados licenciados por essa construção se organizam em termos de padrões construcionais (microconstruções, subesquemas)?
- f. E como essa construção se apresenta representada na rede de intensificadores do PB, tendo em vista, inclusive, outras construções com estrutura X de Y de intensificação?

Embora, para os limites deste artigo, não seja possível tratar de todas essas questões com aprofundamento, procuraremos, a partir dos resultados até então obtidos, reunir as observações mais relevantes a que já pudemos chegar.

Para respondermos a tais questionamentos, seguimos os seguintes passos: (i) coletamos todos os dados encontrados no *Corpus do Português*³ que contivessem Xcor; (ii) em seguida, na etapa de triagem, foram selecionados todos os dados em que Xcor entra na construção Xcor de SN, em que promove a noção de intensificação; (iii) a partir de então, foram observados os aspectos referentes à função e à forma; (iv) também foram observados fatores linguísticos em torno e no interior da construção, como a presença ou não de modificador e a nuance semântica dos lexemas⁴ que preenchem o segundo *slot* da construção, momento em que chegamos à definição de microconstruções licenciadas pela construção em estudo; e, por fim, (v) procuramos representar a relação da construção em estudo com outras construções de intensificação no PB, projetando uma rede de possibilidades construcionais estocadas no conhecimento linguístico.

Toda a análise foi feita com base na Gramática de Construções, já que esta considera a língua uma rede de nós/pareamento forma-função, e na Linguística Funcional-Cognitiva, uma vez que compreendemos a importância de analisar a língua associada a aspectos pragmáticos, operações cognitivas, situações comunicativas etc. Nossos dados foram retirados do *Corpus do Português*, mais especificamente da segunda parte, intitulada “Web / Dialetos”, pois nosso recorte é o Português Brasileiro; e, para tratamento dos dados, adotamos a análise de frequência e o programa Goldvarb.

Com base em pressupostos da Linguística Funcional-Cognitiva e da Gramática de Construções, acreditamos na relação entre conhecimento armazenado e experiência, bem como na relação entre

3 Informações disponíveis em: <<https://www.corpusdoportugues.org/xp.asp>>. Acesso em: 18 out. 2019.

4 Aqui, lexemas são entendidos como construções lexicais, já que a unidade mínima da Gramática de Construções é a construção.

convencionalização e criatividade: por um lado, a língua molda o uso; por outro, o uso linguístico é moldado pelo conhecimento linguístico armazenado na mente dos indivíduos e convencionalizado na(s) comunidade(s) (linguística e de prática discursiva) de que o indivíduo é parte; e o uso é motivado por fatores de ordem cognitiva, social, discursiva, pragmática, semântica, mas se sujeita ao processamento que os indivíduos fazem com base nas experiências linguísticas que têm.

A manifestação de intensificação pauta-se, entre outros recursos, em construções lexicais ou procedurais que se prestam a conferir aumento/amplificação, diminuição ou (relativa) neutralidade ao grau de uma propriedade, estado ou sensação, a partir de um julgamento subjetivo (da perspectiva do enunciador) ou intersubjetivo (sem perder de vista um interlocutor potencial ou real). A intensidade, portanto, avizinha-se de/interage com noções/dimensões como as de escalaridade, quantificação/mensuração, avaliação e até afetividade. Intensificadores movem gradualmente uma propriedade de entidade(s) ao longo de escalas limitadas ou especificam-na em escalas ilimitadas, num domínio de conceptualização de grau subjetivo.

A noção de ‘intensidade’ está intimamente ligada à expressão de grau. Com base em Bordet [2014], entre outros, a expressão de intensidade pode até ser considerada como um subtipo da expressão de grau, na medida em que aprimora, fortalece ou escala uma qualidade do elemento que é intensificado. No entanto, há uma característica principal diferenciadora que precisa ser levada em consideração ao lidar com as noções de ‘intensidade’ e ‘grau’. Ao contrário da expressão ‘grau’, que parece se basear em critérios objetivos, a expressão ‘intensidade’ é de natureza mais subjetiva, de acordo com Xiao & Tao [2007], Athanasiadou [2007] e Bordet & Jamet [2015], Napoli & Ravetto [2017 a sair] para citar apenas alguns.

Dados os múltiplos dispositivos disponíveis para expressar ‘intensidade’, bem como as várias funções endossadas pela expressão de ‘intensidade’ – sejam elas uma função emotiva, uma função catártica, uma função eufemística, uma função humorística, uma função persuasiva ou uma função metalinguística, a intensificação parece permear a linguagem cotidiana e pode ser considerada um fenômeno linguístico multifacetado (BORDET, NAPOLI; RAVETTO, 2017, p. 1, tradução nossa).⁵

A inferência de intensidade é associada, entre outras possibilidades linguísticas de conceptualização matizada da experiência física, sensorial ou psíquica, às sensações de cores, uma vez que estas têm o potencial de revelar um espectro de matizes. Certas cores possivelmente são mais

5 “The notion of ‘intensity’ is closely linked to the expression of degree. Building on Bordet [2014], among others, the expression of intensity may even be regarded as a subtype of the expression of degree, in that it enhances, strengthens or scales upward a quality of the element that is intensified. However, there is one main differentiating feature that needs to be taken into account when dealing with the notions of ‘intensity’ and ‘degree’. Contrary to the expression of ‘degree’, which seems to rely on objective criteria, the expression of ‘intensity’ is of a more subjective nature, according to Xiao & Tao [2007], Athanasiadou [2007] and Bordet & Jamet [2015], Napoli & Ravetto [2017 forthcoming] to name but a few. Given the multiple devices available to express ‘intensity’, as well as the various functions endorsed by the expression of ‘intensity’ – be they an emotive function, a cathartic function, a euphemistic function, a humorous function, a persuasive function or a metalinguistic function, intensification seems to pervade everyday language and can be considered as a multi-faceted linguistic phenomenon” (BORDET, NAPOLI; RAVETTO, 2017, p. 1).

frequentemente atraídas para a construção de intensificação do que outras.

Os termos de cores projetam-se convencionalmente em escalas prototípicas, ou escalas com um termo que especifica o valor máximo no meio e em outros membros correspondentes a valores não máximos cada vez mais baixos em ambos os lados (por exemplo, vermelho como o valor máximo, laranja como o valor não máximo e rosa e amarelo como os domínios de transição). No entanto, para o branco, podemos propor uma escala fechada com limites e os complementares em preto e branco nos pontos finais (CACCHIANI, 2017, p. 19, grifos da autora, tradução nossa).⁶

Isso sugere que há também uma certa convencionalização envolvida no acionamento e na instanciação da construção em estudo. Afinal, uma rotina cognitiva de associar certas cores a certos matizes de intensidade a qual se manifeste repetidas vezes na experiência linguística de uma comunidade linguística pode ensejar entrincheiramento, inclusive, *chunking*.

Outras hipóteses também aqui consideradas advêm da relação entre intensidade e emoção e da relação entre a construção em estudo e a produtividade da construção de estrutura (Xsubstantivo/adjetivo₁ de Xsubstantivo/adjetivo₂)⁷, com ou sem função intensificadora.

Quando um falante recorre a uma construção como a que está em estudo, é possível que ele mais externalize uma emoção, uma sensação ou uma atitude em relação a um estado de coisas do que descreva um estado de coisas. A construção em questão é suscitada pelo fato de sofrermos mudanças na coloração da nossa face (corpo) devido a alguma emoção, como quando ficamos vermelhos (de vergonha ou de raiva, por exemplo). Além disso, essa mudança na coloração facial é algo tão recorrente que, por associação com o atributo intensidade de cor, pode motivar não só construções como a estudada nesta pesquisa, mas muitas outras, levando-nos a defender que a emoção revelada por meio de cores (geralmente na face) é um fator que contribui para a elaboração simbólica presente na relação entre lexemas de cor a (sub)esquemas como os aqui descritos. Consideramos também a influência dos contextos morfosintático e semântico, pois notamos que X de Y, em que X pode ser um substantivo ou um adjetivo, é uma estruturação comum a diversas construções no PB, como em: “*pele de porcelana*”, “*maravilha de trabalho*”, “*morto de cansado*”, “*cheio de fome*”, “*tempestade de*

6 “Color terms conventionally project on *prototypical scales*, or scales with a term that specifies the maximal value in the middle and other members corresponding to increasingly lower non-maximal values at both sides (e.g. *red* as the maximal value, *orange* as the non-maximal value, and *pink* and *yellow* as the transition domains). Yet, for white we can posit a closed scale with limits and the complementaries black and white at the endpoints” (CACCHIANI, 2017, p. 19, grifos da autora).

7 Aqui, procuramos representar a possibilidade de tanto o primeiro quanto o segundo *slots* serem preenchidos por substantivo ou adjetivo. Por isso, nossa intenção é preparar o terreno para a representação, normalmente disponível na literatura, para indicar quantificação/mensuração viabilizada por N1 de N2. Optamos, no entanto, em nossa análise, pela representação desses *slots* por “SAdj de SN”, tendo em vista a configuração como a do exemplo a seguir: “*roxa de tanta raiva*”.

ideias”, etc. A natureza nominal do primeiro *slot* abre a possibilidade de ele ser preenchido por uma cor, nome substantivo ou nome adjetivo ((*um*) *vermelho de vergonha*⁸ ou *esverdeado de medo*⁹). Os exemplos anteriores relacionam-se a construções binominais diferentes, embora todos revelem relação de modificação entre N_1 e N_2 ¹⁰: no primeiro e no segundo, relacionam-se à de natureza qualitativa (em que “de porcelana” tem função especificadora de qual pele se fala, de N_1 ; e em que “maravilha” tem função avaliadora da propriedade de N_2); no terceiro e no quarto, à de natureza intensificadora (N_1 , “morto”/“cheio”, aumenta a força do estado de coisas/da sensação expresso(a) em N_2); e, no quinto, à de natureza quantificadora¹¹ (muitas ideias). Dados com Xcor aqui em foco relacionam-se a uma construção que se soma ao rol de potencialidades construcionais para expressão de intensificação, estocadas na gramática do português. Nomes substantivos ou adjetivos de cores constituem um dos subconjuntos de lexemas que podem aparecer numa construção intensificadora com estrutura N_1 de N_2 . Para o tratamento dos dados, utilizamos a análise de frequência, com o intuito de constatar quais lexemas são característicos da construção gramatical aqui em foco. Recorremos ao programa Goldvarb X para codificar, processar e analisar os dados linguísticos.

Este artigo está assim organizado: na primeira seção, apresentamos um panorama dos pressupostos teóricos desta pesquisa, os quais sustentam as nossas análises; na segunda, descrevemos os procedimentos metodológicos e desenvolvemos a análise dos dados; na terceira, levantamos as discussões que resultam desse processo de pesquisa. Encerramos com as nossas considerações finais e as referências.

1. A língua segundo a Gramática de Construções e a Linguística Funcional-Cognitiva

De acordo com a Linguística Funcional-Cognitiva, há uma “relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação” (MARTELOTTA,

8 “O rosto empalidecido de que nos fala o Talmude revela-nos **um vermelho de vergonha**, mas também um vermelho de ódio, de um ódio sem reparação (...)”. (MARQUES, R. V. O caixeiro-viajante revisitado: os paradoxos da “fúria narcísica” na literatura e no cinema. *Revista Graphos*, vol. 20, n. 1, 2018).

9 Disponível em: <<https://www.wattpad.com/802883289-o-chefe-do-crime-perfeito-capitulo-72/page/4>>. Acesso em: 9 abr. 2020.

10 O sentido e a natureza da modificação são, no entanto, diferentes.

11 Para mais exemplos de construções binominais, vale a consulta a estes artigos:

ALONSO, Karen Sampaio Braga; FUMAUX, Nuciene Caroline Amphilóphio. Diferenças semânticas de microconstruções quantificadoras: o caso de SN1 de SN2. *Diadorim*, Rio de Janeiro, vol. 21, n. 2, p. 214-237, 2019. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/27247/17781>>. Acesso em: 9 abr. 2020.

MASINI, Francesca. Binominal constructions in Italian of the N1-di-N2 type: towards a typology of Light Noun Constructions. *Language Sciences*, 53 (2016): 99-113. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0388000115000662?via%3Dihub>>. Acesso em: 9 abr. 2020.

2011, p. 55). Logo, elas só se materializam na interação, onde encontram lugar para variação e mudança. Nessa interação, de um lado, atuam fatores que regulam e unificam a língua e, de outro, fatores que ensejam criatividade e inovação. Tais atuações geram a gramática da língua, que, de acordo com Diessel (2015, p. 296, tradução nossa), “[...] é um sistema dinâmico de categorias emergentes e restrições flexíveis que estão sempre mudando sob a influência do domínio de processos cognitivos gerais envolvidos no uso da língua”¹². Reconhecer a importância da cognição quanto a organização, relação e armazenamento de léxico e gramática abre espaço para a compreensão da língua como uma rede complexa de construções (lexicais e procedurais), postura também adotada pela Gramática de Construções.

Para Traugott e Trousdale (2013, p. 1, tradução nossa),

As construções são convencionais, pois são compartilhadas entre um grupo de falantes. Elas são simbólicas porque são signos, associações tipicamente arbitrárias de forma e significado. E são unidades em que algum aspecto do signo é tão idiossincrático (Goldberg 1995) ou tão frequente (Goldberg 2006) que o signo está entrincheirado como um pareamento entre significado e forma na mente do usuário da língua.¹³

Na Gramática de Construções, portanto, as construções são vistas como pareamentos forma-função: sua face formal abrange os aspectos fonológicos, morfossintáticos, lexicais e prosódicos; e sua face funcional, os semânticos, discursivos, pragmáticos, cognitivos e sociais. Nenhum desses níveis de gramática é considerado autônomo – afinal, “ambas as faces do pareamento construcional constituem complexos multifatoriais, estes em relação simbólica” (WIEDEMER; MACHADO VIEIRA, 2018, p. 44) –, nem pode ser estudado separadamente, já que essa é uma teoria não modular.

Traugott e Trousdale (2013) consideram as construções como as unidades básicas da língua e, por meio da abordagem construcional, investigam como surgem novas construções e como construções já existentes podem sofrer alterações na face formal, na funcional ou em ambas: uma construção na memória linguística de membros de uma comunidade de fala pode oportunizar a criação de *links* simbólicos com outra(s) construção(ões) na rede de construções.

Wiedemer e Machado Vieira (2018, p. 47-48) associam a isso o processo de *pensamento analógico*,

12 “is a dynamic system of emergent categories and flexible constraints that are always changing under the influence of domain general cognitive processes involved in language use” (DIESEL, 2015, p. 296).

13 “Constructions are conventional in that they are shared among a group of speakers. They are symbolic in that they are signs, typically arbitrary associations of form and meaning. And they are units in that some aspect of the sign is so idiosyncratic (Goldberg 1995) or so frequent (Goldberg 2006) that the sign is entrenched as a form-meaning pairing in the mind of the language user” (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, p. 1).

que, a partir das experiências discursivo-pragmáticas socialmente situadas, opera tanto em dimensões paradigmáticas relativas às formas disponíveis ou criadas para preenchimento de *slots* em esquemas da rede quanto em dimensões de emparelhamento/pareamento na indexação/categorização dos atributos das faces formal e funcional da construção.

O conceito de pensamento analógico pode ser ilustrado por exemplos encontrados durante a coleta de dados. Vejamos.

4. “[...] Não sei fingir. Abraço minhas vontades, mesmo que *a minha cara fique roxa de tanto apanhar*. Cumpro minhas promessas, mesmo que me doa [...]”.
5. “[...] Demi -- Isso não deveria ter acontecido. -- passou uma rajada de vento forte e fria, *fazendo pele de Demi ficar roxa de frio*. Joe -- Eu sei que não, mas me desculpe [...]”.
6. “[...] Um dia a esposa de um funcionário fez uma visita a empresa e viu aquela placa gigantesca escrito CIPA. *A coitadinha ficou ROXA DE TANTA VERGONHA... hahahahaha! [...]*”.

Partindo de características mais físicas, que realmente envolvem uma mudança na coloração corpórea do indivíduo (como nos exemplos (4) e (5)), por associação à cor, surgem construções como a (6), em que há extensão de uso/sentido.

Para esses mesmos autores, dentre as descobertas realizadas por intermédio da abordagem construcionista, está a de que “a percepção de gradualidade, que se acentua no interior da teoria da gramaticalização, alcança um perfil ainda mais refinado quando tal medida é concebida na base de ‘micropassos’ de mudança em várias dimensões de uma construção (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2010, 2013)” (WIEDEMER; MACHADO VIEIRA, 2018, p. 45). Para eles, ao analisar esses micropassos, é possível se deparar com o fenômeno da variação – daí vem à tona a interface variação-construção.

Muito já se tem falado sobre isso. Leino e Östman (2005, p. 192, tradução nossa), por exemplo, há mais de uma década, afirmam que se “se quisermos levar a sério o objetivo da GC [Gramática de Construções] de lidar com todas as construções de uma língua, sejam elas membros ‘centrais’ ou construções ‘periféricas’, não podemos ignorar a variação”¹⁴. Indo ao encontro de tal afirmação, Hoffmann e Trousdale (2011, p. 1, tradução nossa) defendem que qualquer teoria cognitiva deve dar conta tanto da variação quanto da mudança, afinal, “todos os idiomas humanos são caracterizados por variabilidade sincrônica e estão sujeitos a alterações ao longo do tempo”¹⁵.

14 “we want to take seriously the aim of CxG to deal with all constructs of a language, be they ‘core’ members or ‘peripheral’ constructs, we cannot brush variation aside” (LEINO; ÖSTMAN, 2005, p. 192).

15 “All human languages are characterized by inherent synchronic variability and are subject to change over time” (HOFFMAN; TROUSDALE, 2011, p. 1).

Enquanto isso, no Brasil, conforme Wiedemer e Machado Vieira (2018), esse fenômeno, embora já ocupe um espaço consolidado na área da Sociolinguística, ainda não apresenta um consenso entre os estudiosos brasileiros orientados por modelos funcionalistas de Gramática de Construções. Todavia, estudos na interface variação-construção já têm sido desenvolvidos em nosso país, a exemplo dos de Machado Vieira (2016) e de Wiedemer e Machado Vieira (2018).

Dentre os tipos de variação explicados pela Gramática de Construções, trataremos, aqui, da variação por *allostructions* (aloconstruções). Segundo Capelle (2006, p. 18, tradução nossa), a “maneira como podemos conceber dois padrões como relacionados não é tratando um como derivado do outro, mas considerando-os como ‘aloconstruções’ – como realizações estruturais variantes de uma construção que é parcialmente subespecificada”¹⁶. Esse termo equipara-se, “por analogia, a alofone e alomorfe, que também correspondem a realizações alternativas de uma determinada unidade linguística (ou seja, um fonema ou morfema)”¹⁷ (PEREK, 2015, p. 153, tradução nossa).

As construções lexicais *roxo*, *verde* e *vermelho* que preenchem o *slot* “cor” na construção Xcor de SN podem ser interpretadas como aloconstruções, porque, como veremos, elas correspondem a possibilidades configuracionais acionadas como intensificadoras do que preenche o *slot* SN. Ainda que, na língua, também correspondam a pareamentos com formas e significados diferentes, quando compatibilizadas a essa construção seus atributos semânticos particulares se neutralizam como variantes construcionais a evocarem a significação de intensificação, assim como outras possibilidades lexicais diferentes das que compõem o rol de cores também o podem fazer se acionadas para esse lugar (por exemplo, *roxa/morta de fome*¹⁸, *vermelha/doida de raiva*¹⁹).

Há que se levar em conta o fato de que lexemas de cores pareiam itens lexicais diferentes a propriedades dos corpos no mundo biossocial percebidas a partir da interação entre luminosidade e escuridão, sendo a cor branca relacionada à luz e à síntese de todas as cores e a cor preta relacionada à ausência de luz. A composição de cor envolve, portanto, uma combinação de raios absorvidos e refletidos na realidade fisiológica (da esfera quantitativa da incidência do fenômeno luminoso/onda

16 “The way we can conceive of two patterns as related is not by treating one as derived from the other but by considering them as ‘allostructions’ – as variant structural realizations of a construction that is left partially underspecified” (CAPELLE, 2006, p. 18).

17 “by analogy with the terms allophone and allomorph, which also correspond to alternative realizations of a particular linguistic unit (namely, a phoneme or a morpheme)” (PEREK, 2015, p. 153).

18 Disponível em: <<https://twitter.com/Weydnacs/status/1275414039481462785>>. Acesso em: 27 jun. 2020.

19 Disponível em: <<https://colunadofla.com/2019/08/diego-alves-defende-dois-penaltis-flamengo-goleia-o-vasco-e-sobe-para-vice-lideranca-do-brasileirao/>>. Acesso em: 27 jun. 2020.

de calor, por exemplo do sol, sobre os corpos) num espectro de percepções e sensações da realidade psicológica (relativas à esfera qualitativa do cálculo desse fenômeno). As dimensões calóricas e tonais da cor-luz ou cor-energia ensejam possibilidades de associação entre experiências com relação a estímulos sensoriais das cores e graus de intensificação; e tal associação se instancia linguisticamente, entre outras possibilidades. Vale ressaltar que, entre as três características (matiz, tom e intensidade) de todas as cores, está a intensidade, que se relaciona ao brilho da cor-energia.

Há, por exemplo, segundo Delecave (2011)²⁰, quem associe verde, vermelho e azul(-violeta) (que consideramos muito próximo do roxo) à tríade primária de cores-luz, porque estas provêm de uma fonte luminosa.

2. Análise de dados: resultados e discussão

Organizamos este tópico com base nas perguntas apresentadas no início deste artigo. Portanto, começamos observando a relação de similaridade entre as cores que preenchem o *slot X* da construção Xcor de SN. Para isso, foram coletados dados do *Corpus do Português* em que esta construção estava presente²¹, totalizando 184 ocorrências.

Através dos dados, observamos que há tanto uma relação de similaridade quanto uma de dissimilaridade entre as cores, afinal, por um lado, elas servem para intensificar os mesmos sintagmas, mas, por outro, elas são atraídas por determinados lexemas que aparecem preenchendo o segundo *slot*. Abaixo, selecionamos três casos em que as cores são usadas como aloconstruções, acompanhando o mesmo sintagma. Vejamos.

7. “[...] Neste momento percebi minha gafe. Disse meu nome e o oficial, mesmo estando **ROXO DE RAIVA**, viu que não foi de propósito e nos deixou passar, mas não sem antes virar o carro do avesso (só de sacanagem) e nos fazer tomar um chá de cadeira. Mas tudo bem... [...]”.
8. “[...] preferem eleger Lula e seus postes, como ele define seus comparsas e gritam aos 4 cantos que Andrés é o cara, quer saber, vcs. se merecem!! **VERDE DE RAIVA**, o que está falando??? Por TRINTA ANOS a arena allianz será da construtora, e vc. sabe disto muito bem [...]”.
9. “[...] Roberta começa a dizer que sua mãe é esquizofrênica na frente dela e ela fica **VERMELHA**

20 Disponível em: <<http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infolid=1096&sid=9&tpl=printerview>>. Acesso em: 26 jun. 2020.

21 Para este trabalho, coletamos apenas os dados em que X foi preenchido pelas cores “vermelho/a”, “roxo/o” e “verde”, porém, outras cores também podem preenchê-lo.

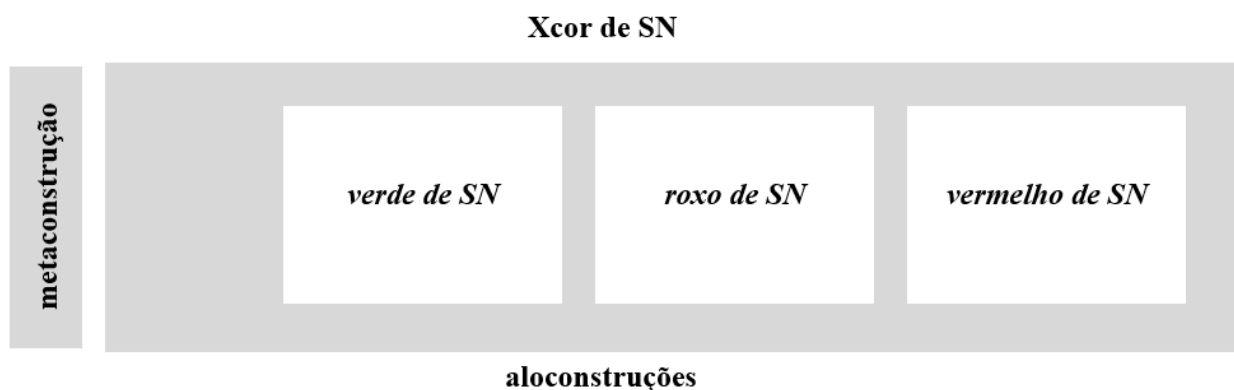
DE RAIVA. Mia pergunta a Franco se sua mãe tinha algum diário. Pilar vê Glaucia com Enrique. Mia lê as cartas de sua mãe e descobre que ela e seu pai não eram felizes [...].”

Em todos os exemplos anteriores, o segundo *slot* da construção Xcor de SN está preenchido pelo lexema “raiva” e, em todos eles, é possível perceber a tentativa de tornar mais intenso o sentimento descrito. Assim, em construções como Xcor de SN, parece haver uma neutralização no uso das cores, isto é, elas passam a acionar o mesmo sentido, o de intensidade – diferentemente do que propõe Cacchiani (2017) quando fala de escalas prototípicas. Essa diferença se dá porque a autora está tratando das cores como adjetivadoras, e não em uma construção gramatical como a aqui estudada.

É interessante observar isso, pois, uma de nossas hipóteses para trabalhos futuros (inclusive, envolvendo pesquisa experimental) é que os falantes acreditam que “vermelho de raiva” e “roxo de raiva” são sentenças possíveis, enquanto “verde de raiva” é uma sentença que não é dita/escrita por falantes do PB. Em outras palavras, a força de atração dos lexemas “roxo” e “vermelho” quando na construção consta o lexema “raiva” seria maior. Nossos dados, até agora, porém, provam o contrário.

No que diz respeito à relação de similaridade entre as cores, é possível notar, nos exemplos (7), (8) e (9), que há a possibilidade de alternância, pois todas elas servem, neste contexto, para intensificar o lexema que preenche o *slot* referente ao sintagma nominal. Portanto, há uma relação de similaridade por (quase) sinonímia entre os itens. Por isso, elaboramos a seguinte representação, com base em Leino e Östman (2005) e Wiedemer e Machado (2018):

Esquema 1: representação de aloconstruções e metaconstrução relativa à construção Xcor de SN



Fonte: elaboração própria.

Na parte superior do esquema 1, representamos a construção Xcor de SN, em que o *slot* X é preenchido por uma cor (como em “roxo” de) ou por um adjetivo (como em “morto” de ou “cheio” de), com o objetivo de intensificar o segundo *slot*, um sintagma nominal (SN). Essas

possibilidades de preenchimento estão representadas pelas aloconstruções (“verde/roxo/vermelho de SN”), ou seja, possibilidades com alta similaridade configuracional, visto que todas elas servem de intensificadoras. Por serem padrões construcionais variantes entre si, elas estão localizadas em um espaço de generalização e neutralização desses padrões, isto é, a metaconstrução. Além disso, dentre tais aloconstruções podem estar microconstruções em que o primeiro *slot* é preenchido pela cor “azul” (azul de raiva)²², entre outras, embora outras cores não tenham sido objeto de observação nesta pesquisa.

Observando que há, sim, uma relação de similaridade entre as cores, passamos a analisar quais os contextos linguísticos que acionam uma ou outra cor, a fim de responder à segunda pergunta norteadora deste trabalho. Para isso, contamos com os grupos de fatores que foram organizados da seguinte maneira:

Quadro 1: grupos de fatores

Grupos de fatores	Variantes
G1: variável dependente	Roxo/roxa Verde Vermelho/vermelha
G2: Presença ou não de modificador	Presença Ausência
G3: nuance semântica do segundo <i>slot</i>	Aspecto fisiológico/físico Aspecto psicológico

Fonte: elaboração própria.

Em apenas 13 dados, foram encontrados modificadores em relação à cor e à composição do SN, isto é, elementos que estão alterando a construção aqui estudada, quando inseridos antes dela ou em seu interior. Para visualizarmos melhor os resultados, elaboramos a tabela a seguir.

Tabela 1: presença ou ausência de modificador em relação à cor e à composição do SN

Preenchimento do primeiro <i>slot</i>	Roxo/a		Verde		Vermelho/a		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Presença	6	46.15	1	7.7	6	46.15	13	7.0
Ausência	41	24.0	29	17.0	101	59.0	171	93.0
Total	47	25.5	30	16.3	107	58.2	184	100

²² Disponível em: <<https://www.tripadvisor.com.br/ShowUserReviews-g1-d8728972-r703124114-Azul-World.html>>. Acesso em: 9 abr. 2020.

Fonte: elaboração própria.

Das 47 ocorrências com “roxo/a”, em apenas seis há a incidência de um modificador em relação à cor e à composição do SN. A pouca presença também é notada nas construções com as outras cores: com verde, apenas uma ocorrência em 30 dados; com vermelho, apenas seis em 107 dados. Vejamos alguns exemplos.

10. “[...] Você está diante do desafio que a afronta: O seu coração acelera; tem vontade de fugir, fica **VERMELHA DE TANTA VERGONHA**, as palavras não saem naturalmente, a voz fica embargada, a sua mente é bombardeada com inúmeros pensamentos de incapacidade; de inferioridade. Você quer concentrar-se, mas onde está o controle de os seus sentidos? [...]”
11. “[...] O Mascara já me deixa **VERDE DE TANDO NOJO** que tenho de aquilo. e Scooby Doo Scooby loo Porr o SBT esta estragando Nosso dia com isso! Tv Globinho que um conselho aproveita ai a Oportunidade que o Bom dia & Cia [...]”;
12. “[...] A balconista escondendo a risada diz -- Temos sim, com 2 ou com 4 comprimidos? Ele **QUASE ROXO DE VERGONHA** e totalmente sem jeito diz mais uma vez murmurando -- Com 4.... A balconista passa o valor e o velhinho sai sem jeito do balcão, paga seu medicamento e vai embora, a sexta-feira pra esse velhinho com certeza será muito boa [...]”.

Embora sejam poucas as ocorrências de modificadores que incidem na construção Xcor de SN, sua análise é interessante, uma vez que, como nos exemplos (10) e (11), eles servem para intensificar uma construção que já é intensificadora e estão localizados imediatamente antes do núcleo do SN, de modo que interferem diretamente nele; ou, como em (12), para amenizar/diminuir a intensificação da sensação psicológica propiciada pela construção ou relativizar a externalização subjetiva da mensuração dessa sensação tendo em vista a potencialidade do confronto dela com a “realidade objetiva” representada pela predicação nominal, caso em que o modificador está posicionado antes da cor intensificadora e modifica toda a construção. Assim, um questionamento surgiu e será considerado nos desdobramentos deste estudo, com a ampliação do *corpus*: A depender de onde ocorra o modificador na construção, vamos ter alguma diferença no que conceptualizamos como proeminente na intensificação (a mensuração da sensação psicológica em si ou a externalização subjetiva (e, por isso, sujeita a relativização/ajuste) da mensuração dessa sensação)?

O segundo fator selecionado também é bastante pertinente para a nossa análise, uma vez que a nuance semântica do segundo *slot* é um dos aspectos mais centrais da nossa pesquisa. Logo, decidimos

distribuir os colexemas²³ entre “roxa/o”, “verde” e “vermelha/o” no quadro abaixo, de modo que facilitasse a visualização dos lexemas que acompanham cada uma das cores, a fim de verificar qual cor é mais comum e em qual contexto linguístico.

Aqui, realizamos a análise de frequência. Foram listados todos os lexemas que preenchem o segundo *slot* da construção em estudo, visando verificar como eles se distribuem entre as cores e quais foram intensificados por todas elas.

Quadro 2: distribuição dos lexemas por “cor”

Roxa/o		Verde		Vermelha/o	
<i>Lexema</i>	<i>Ocorrência</i>	<i>Lexema</i>	<i>Ocorrência</i>	<i>Lexema</i>	<i>Ocorrência</i>
Vergonha	21	inveja	9	vergonha	49
inveja	7	raiva	7	raiva	42
raiva	5	fome	5	ódio	2
pele fria/ frio	4	ciúme(s)	3	ojeriza	1
ciúme(s)	3	enjôo	2	pudor	1
sem graça	1	vergonha	1	ansiedade	1
fome	1	nojo	1	comoção e champagne	1
curiosidade	1	medo e inveja	1	indignação	1
vontade	1	vontade	1	cólera	1
tédio	1			ciúme	1
ódio	1			alergia	1
saudades	1			vergonha alheia	1
				constrangimento	1
				frustração	1
				irritação	1
				despeito	1
				inveja	1
TOTAL	47		30		107

Fonte: elaboração própria.

Ao discriminarmos os itens que preenchem o segundo *slot* da construção, percebemos que, em sua maioria, eles têm um valor negativo, como “vergonha”, “inveja” e “raiva”, o que nos leva a

23 Compreendemos colexema da mesma forma que Stefanowitsch e Gries (2003) e Machado Vieira e Wiedemer (2018), ou seja, como palavras atraídas para uma construção específica, que são entendidas como colexemas naquela construção.

afirmar que as cores, na construção Xcor de SN, servem para intensificar, primordialmente, sensações/sentimentos negativos.

Além de observarmos a nuance semântica do segundo *slot*, também procuramos investigar se há uma gradiência entre as cores, isto é, se, quando mais de uma cor é utilizada na mesma sentença, há, por meio do falante, uma tentativa de representar o aumento de intensidade. Vejamos os enunciados abaixo, os únicos em que o primeiro *slot* foi preenchido por mais de uma cor.

13. “[...] Eu fiquei **VERDE E ROXA DE VERGONHA**, mas minha raiva foi maior. Por que elas só falaram comigo depois que a noite acabou? Por que ficaram fazendo as piadas, se podiam ter me falado? Por que cada um não cuida da sua vida? [...]”²⁴
14. “[...] O mundo precisa saber o que acontece no Brasil! Eu apenas ficaria feliz por poder tentar o segundo, pq do contrário, **VERMELHA E ROXA DE TÉDIO**! Esperando uma idéia genial q faça descer tudo de uma única vez feito xixi! [...]”²⁵
15. “[...] Mas Branca de Neve é mil vezes mais bela ainda. A rainha sobressaltou-se e ficou **AMARELA, depois VERDE DE CIÚME**; a partir dessa hora, ela não mais podia ver Branca de Neve sem que o coração lhe palpitasse dentro do peito, de tanto que a odiava [...]”²⁶
16. “[...] Dava tudo pra ter uma foto da cara dele no momento, ficou **ROXO, AZUL, VERDE DE VERGONHA**. Porque né... Papel de ridículo. [...]”²⁷

Em todos os exemplos acima há a formação de gradiência da intensidade dos sentimentos que preenchem o segundo *slot* da construção (vergonha, tédio, ciúme e vergonha), bem como a presença do verbo “ficar” antecedendo-as, verbo que contribui para a representação de um processo de mudança de estado, condição ou propriedade. Em (13) e (14), ainda ocorre comparação: em (13), após “verde e roxa de vergonha”, ela diz “mas minha raiva foi maior” e, em (14), antes de dizer que ficaria “vermelha e roxa de tédio”, ela afirma que pode “ficar feliz”. Em ambos os casos, a gradação é reafirmada por tais comparações. Vale ressaltar, contudo, que a ordem das cores não parece seguir um padrão. Em outras palavras: a gradiência da intensidade por meio das cores se dá apenas devido

24 Disponível em: <<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/x4.asp?t=290554&ID=1083678594>>. Acesso em: 11 mai. 2019.

25 Disponível em: <<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/x4.asp?t=102496&ID=1222498629>>. Acesso em: 11. mai. 2019.

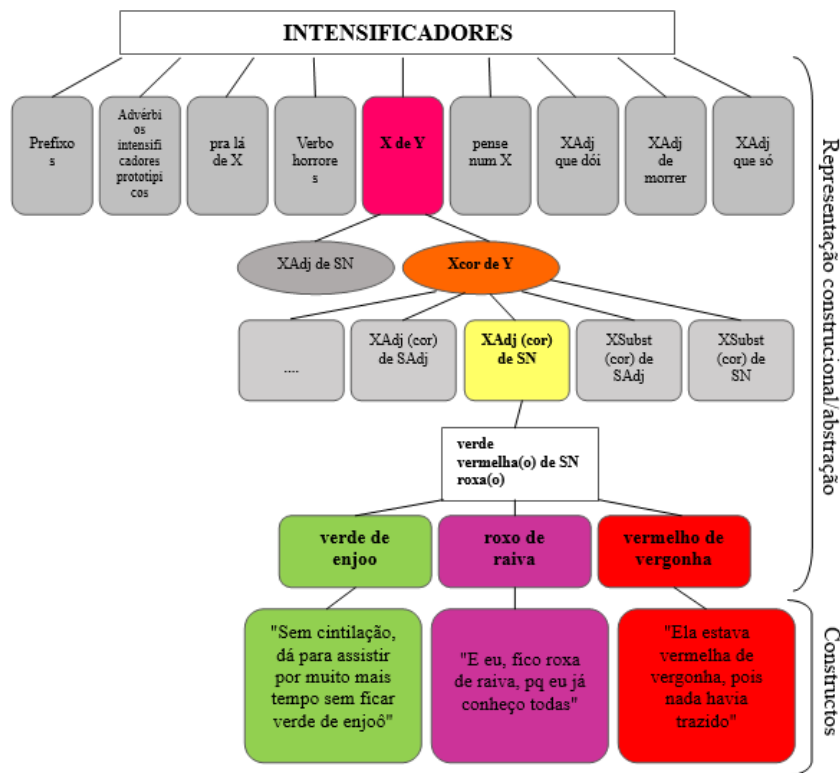
26 Disponível em: <<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/x4.asp?t=243268&ID=542140608>>. Acesso em: 10 mai. 2019.

27 Disponível em: <<https://www.corpusdoportugues.org/web-dial/x4.asp?t=694754&ID=44341670>>. Acesso em: 12 mai. 2019.

à ocorrência de mais de uma cor no *slot*, e não necessariamente pela ordem em que elas aparecem ou pela tonalidade que elas representam.

Por fim, após a análise, projetamos a construção aqui estudada em uma rede de construções de intensificação mais ampla e complexa, que, de todo modo, não se pretende exaustiva, mas apenas ilustrativa das potencialidades da língua. Essa rede está fundamentada em Traugott e Trousdale (2013), que lidam com a representação de nosso conhecimento linguístico por meio da configuração de rede construcional baseada em relação de herança (entre outras relações), e Justino (2018), que trata das diversas possibilidades de representação da intensificação no português brasileiro. Vejamos o resultado.

Esquema 2: a construção Xcor de SN na rede construcional dos intensificadores no português brasileiro



Fonte: elaboração própria.

No topo da representação, está o esquema mais abstrato, no qual se inserem as construções lexicais ou procedurais – a serviço de intensificar uma propriedade, uma condição ou um estado de coisas expresso(a) em X ou Y do tipo SN ou SAdj – utilizadas por falantes do PB: prefixos, como “hiper”, “mega” etc.; advérbios intensificadores prototípicos, como “muito”; a construção “pra lá de” X, como em “pra lá de Marraquexe”; “X de Y”, aqui estudada etc. “X de Y” licencia pelo menos dois subsquemas: “XAdj de SN”, como em “cheio de fome”, e “Xcor de Y”, em que X pode ser

preenchido por um substantivo referente a cor, como em “um verde de raiva”²⁸, ou por um adjetivo referente a cor, como em “rubra de paixão”²⁹, e Y pode ser preenchido por um sintagma nominal (SN), como em “vermelha de vergonha”, ou por um sintagma adjetival (SAdj), como em “branco de tão pálido”³⁰, possibilidade configuracional que constitui um dos nossos objetos de observação futuros. Procedeu-se assim tendo em vista que a representação construcional licencia os usos já encontrados (registrados em *corpus*), bem como potenciais constructos.

Seguindo a nossa representação, continuamos o detalhamento, na parte inferior da figura, apenas das informações referentes à construção Xcor de SN, em que o *slot* X, aqui, foi preenchido por vermelha(o), verde e roxa(o), e o *slot* SN, por diversos sintagmas nominais, como já descrito anteriormente.

Incluímos, na última linha do esquema 2, exemplos de constructos relativos aos padrões construcionais aqui focalizados.

Considerações finais

Analisar os dados de usos da construção Xcor de SN como intensificadora, como em “verde de enjoo”, “roxa de raiva” ou “vermelha de ódio”, permitiu-nos perceber sua alta frequência na língua e o fato de os usuários a utilizarem como um forte aparato de expressividade no momento da comunicação. Também propiciou perceber a possibilidade de certa convencionalização no acionamento desse tipo de construção em relação a certa configuração de predicação que envolve experiências físicas ou psicológicas perspectivadas como negativas.

Os nossos resultados, até aqui, nos mostraram que (i) as cores, na construção Xcor de SN, servem, sobretudo, para intensificar aspectos negativos, sejam eles psicológicos ou físicos/fisiológicos, como “raiva”, “ódio”, “ciúmes” e “inveja”, pois a ocorrência de itens positivos é baixa; (ii) a alternância das cores como intensificadoras de um mesmo sintagma permite que as classifiquemos como aloconstruções, logo, é possível perceber que em muitos contextos há uma relação de similaridade por (quase) sinonímia entre elas, visto que operam em um mesmo padrão configuracional; (iii) a

28 “Estudou-o por alguns segundos, não resistindo voltar a mergulhar o pensamento nos problemas envolvendo Mavis. Ainda se lembrava do olhar da prima sobre si - sobre a joia, mais precisamente - e havia um **verde de inveja** e um vermelho de ódio bem no meio das íris da mais velha”. Disponível em: <<https://www.spiritfanfiction.com/historia/boss-and-slave-ii-9453170/capitulo84>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

29 Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/garantido/669748/>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

30 Disponível em: <<https://www.wattpad.com/326483193-zombie-invasion-alone-with-zombies>>. Acesso em: 10 abr. 2020.

ocorrência de mais de uma cor em uma sentença denuncia uma espécie de gradiência, contudo, não há uma ordem específica em que elas ocorrem; e (iv) a construção aqui estudada faz parte da rede construcional de intensificadores do português brasileiro.

Todavia, esses são os primeiros passos de uma pesquisa de doutoramento, pois ainda há muito a ser feito. Pretendemos ampliar a nossa pesquisa, por meio de aprofundamento teórico e de expansão do objeto – acrescentando outras cores ao *slot X* – e do *corpus*, e elaborar testes experimentais que nos ajudem a confirmar ou até mesmo questionar os resultados alcançados até aqui. Por fim, desde já, acreditamos que esta pesquisa contribuirá para os estudos acerca da variação sob uma abordagem construcionista da língua, sobretudo, do português brasileiro. Ademais, fornecerá subsídios a respeito da representação que os falantes fazem sobre rotinas cognitivas de associação entre cores e sensações e como elas se configuram, em termos de produtividade *type* e *token*, em prol do sentido de intensificação.

Referências

- ALONSO, Karen Sampaio Braga; FUMAUX, Nuciene Caroline Amphilóphio. Diferenças semânticas de microconstruções quantificadoras: o caso de SN1 de SN2. *Diadorim*, Rio de Janeiro, vol. 21, n. 2, p. 214-237, 2019. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/27247/17781>>. Acesso em: 9 abr. 2020.
- BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CACCHIANI, Silvia. Cognitive motivation in English complex intensifying adjectives. *Lexis*, E-Journal in English Lexicology, 10, The Expression of Intensity, 2017. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/lexis/1140>>. Acesso em: 9 abr. 2020.
- CAPPELLE, Bert. Particle placement and the case for “allostructions”. *Constructions, Special Volume I*, 2006. p. 1-28.
- DELECAVE, Bruno. Cor: luz ou pigmento? Disponível em: <http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=1096&sid=9&tpl=printerview>. Acesso em: 28 mar. 2020.
- DIESSEL, Holger. Usage-based conso cartruction grammar. In: Dabrowska, Eva; DIVJAK, Dagmar (eds.), *Handbook of Cognitive Linguistics*, 295-321. Berlin: Mouton de Gruyter, 2015.
- GOLDBERG, Adele. E. *A construction grammar approach to argument structure*. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1995.
- HOFFMANN, Thomas; TROUSDALE, Graeme. Variation, change and constructions in English. *Cognitive Linguistics*. v. 22, 2011, p. 1-23.

JUSTINO, Agameton Ramsés. *Construções focalizadoras X que só no Português Brasileiro*. Tese (Doutorado em Letras e Linguística), Universidade Federal de Goiás. 2018. 147f.

KLAVAN, Jane. *Evidence in linguistics: corpus-linguistic and experimental methods for studying grammatical synonymy*. Institute of Estonian and General Linguistics - University of Tartu, 2012. 286p.

LEINO, Jaakko; ÖSTMAN, Jan-Ola. Construction and variability. In: FRIED, Mirjam; BOAS, Hans C. *Grammatical Construction*. Back to the roots. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005. Cap. 8.

MACHADO VIEIRA, Marcia. dos Santos. Variação e mudança na descrição construcional: complexos verbo-nominais. *Revista Lingüística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume Especial, (dez-2016), p. 152-170. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>>. Acesso em: 23 abr. 2019.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. WIEDEMER, Marcos Luiz. *Lexemas e construção: atração, coerção e variação*. *Caderno Seminal Digital Especial*. n. 1 v. 1. (jan-dez/2018), p. 81-132. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/cadernoseminal/article/download/34009/26432>>. Acesso em: 27 jun. 2020.

MASINI, Francesca. Binominal constructions in Italian of the N1-di-N2 type: towards a typology of Light Noun Constructions. *Language Sciences*, 53 (2016): 99-113. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0388000115000662?via%3Dihub>>. Acesso em: 9 abr. 2020.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. *Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

PEREK, Florent. Alternations as units of linguistic knowledge. In: _____. *Argument Structure on Usage-Based Construction Grammar: Experimental and corpus-based perspectives*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2015. p. 156-185.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Constructional Change*. Oxford University Press: Oxford, 2013.

STEFANOWITSCH, Anatol. Collostructional analysis. In: HOFFMAN, Thomas; TROUSDALE, Graeme. *The Oxford Handbook of Construction Grammar*, 2013.

STEFANOWITSCH, Anatol; GRIES, Stefan. Collostructions: Investigating the interaction between words and constructions. *International Journal of Corpus Linguistics*, 2003, p. 209-243.

WIEDEMER, Marcos Luiz; MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Sociolinguística e gramática de construções: o envelope da variação. In: FRANCESCHINI, Lucelene Teresinha; LOREGIAN-PENKAL, Loremi. (Org.). *Sociolinguística: estudos de variação, mudança e atitudes linguísticas*. Guarapuava. Ed. da Unicentro, 2018. p. 41-77.